

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SEculo

Prontidade de J. DA SILVA GRACA, Címlt.º

Dirctor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

## Prazeres do campo



O LISBOETA:

—Esta é que é a verdadeira fraternidade!

## PALESTRA AMENA

## As garantias

Ha oito dias que estamos todos em plenissimo socego, tão real e perfeitamente como se nunca tivessem estado suspensas as garantias; ha oito dias que terminou a leve, a quasi despercebida anormalidade a que já nos íamos habituando.

E como se conhece que a capital regressou á paz de que raras, rarissimas vezes, se afasta, á sua labuta habitual, á doçura dos seus costumes amenos e ingenuos?

Não decerto por que o bacalhau nos começasse a entrar espontaneamente pela porta, não que o trigo chova, como o maná que fartou a gente Moisés não que a libra passasse a valer quatro escudos e meio ou o velho tostão aos anacronicos cinco vintens. Nada d'isso.

Se nas exterioridades alimenticias e pecuniarias se tivessem de procurar os indicadores da paz, estamos em que a estas horas nos agatnharíamos uns aos outros por essas ruas, atirando-nos aos visinhos como gato a bofe. Os indícios são bem diferentes d'esse: vê-se, percebe-se, palpa-se que voltamos á normalidade—porque já podemos andar pelas ruas da 1 hora ás 5, sem risco de ser presos. Assim, quando se decretou a suspensão da suspensão das garantias, eram de vêr essas ruas noite velha peçadas de gente, a gozar d'um bem de que que esteve privada duran'e mais d'uma semana! Pessoas que ha anos não saíam de casa, velhos que mal se podiam mover, paráliticos, toda a legião de pessoas caseiras e invalidas se transportou ou fez transportar para a via publica, a respirar o ar noturno da liberdade, a gritar os seus direitos, finalmente reconquistados!

E' certo que no dia seguinte toda essa gente se ergueu da cama—a que pôde erguer-se, por altas horas da tarde e então, de dia, é que nas ruas o movimento foi menor do que em tempos anormais. Perderam-se negocios, faltou-se ás repartições, aos escritorios, ás lojas, ás oficinas—mas teve-se a satisfação de na noite anterior gozar a satisfação da quebra das algemas, a fingir que todos estavam anciosos pela saída fóra de horas e que a proibição entre a uma e as cinco tinha causado uma enorme perturbação social e domestica.

Dois dias, talvez, durou a expansão; passados eles toda a gente voltou, como se as garantias continuassem suspensas, a recolher á cama á uma da madrugada ou antes, sem o menor sacrificio, porque afinal raras são as pessoas que tem que fazer entre essa hora e as cinco.

E' verdade que durante a anormalidade quasi todas as noites a policia teve de recolher nos calabouços algumas duzias de cidadãos que teimaram em desobedecer ao edital; mas essas procediam assim apenas para saborear o gostinho portuguez da repontação contra a autoridade e não porque fossem notivagos por habito ou necessidade

Nada: quando outra vez 'houver zaragata procure a autoridade outro modo de fazer sentir o seu peso. Aquele não pega.

J. Neutral.

## Arqueologia recreativa

Vai muito acesa a luta entre os arqueologos porque um dos navios alemães trazia como carregamento uma cidade assiria em peso, encaixotada aos bocadinhos.

Uns dizem que não devemos ficar com esse tesouro no paiz, porque não temos quem o aprecie; outros que está cá muito bem, porque a nossa civilização tem o seu quê de prehistorica.

Emfim, esperemos a sentença do Antonio Cabreira, como juiz supremo de bicos d'obra.

## Aparição

Noticiam os jornais que para as bandas de Vila Nova de Ourem, na povoação de Fatima, está chamando as atenções gerais um facto deveras extraordinario: dois garotões, guardadores de gado, afirmam que a Virgem, mãe de



Deus, lhes aparece de vez em quando entre penedias e lhes diz palavras misteriosas.

A descrença de quem escreve a noticia transparece na prosa, como se ainda houvesse alguma coisa n'este mundo que pudesse causar admiração. Quanto a nós acreditamos na aparição; não, é claro, na da Virgem, porque aquele ou aquela que deixou este mundo não fica com vontade de cá voltar, mas na aparição do sr. Afonso Costa, que tendo perdido um nadinha do seu prestigio sobrenatural nos grandes centros, busca adeptos nos espiritos ingenuos dos camponios e das criancinhas...

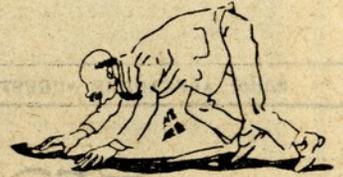
Quanto ás palavras misteriosas são, provavelmente, em latim, porque muito convém aos milagrosos empregar uma lingua incompreensivel; entretanto, estamos em que, traduzidas, dão isto simplesmente:

— Filiem-se no partido democratico!

## Questão pedestre

Temos tido um trabalho insano para seguir os preceitos que diariamente o nosso querido dr. Almilcar de Sousa preconisa pela imprensa, a fim de que vivamos até os 200 anos, pelo menos.

Depois de nos arruinar-mos na compra das frutas—laranjas a escudo a duzia, peras a cincoenta centavos, eis-nos a dar largos passeios a pé, estafas quotidianas de leguas com os seguintes resultados, até agora: as algibeiras despejadas, o estomago a pedir misericórdia, os calos agravados e, ha tres dias para cá, a perda da nossa proverbial



elegancia, coxeando escandalosamente.

—Para que vos servem os pés? pergunta o sabio. Não será, por ventura, para andar?

Sobre este ponto, permita-nos algumas duvidas com respeito ás intenções da natureza ao conceder pés ao homem. Não pode ter havido apenas a idéa de proteger as industrias de calçado e correlativas? Não pode a natureza ter mimoseado o homem com os pés como mimoseou o porco-espinho com espinhos, o gato com unhas, etc., isto é, como meio de defesa pelo pontapé?

De resto, não está provado que ao binamo só os pés é que sirvam para andar; é indevidamente que alguns d'elles trazem as mãos no ar.

## Seródios

Corre—e os jornaes repetem—que está para casar uma atriz de opereta, muito distinta.

E' a primeira vez que o boato aparece, com relação áquela atriz. Pelo tempo que costuma mediar entre o primeiro boato e a realisação, quando se trata de casamentos entre artistas, estamos em que este só se fará quando ela fôr avó.

DE FÓRA

## Casos da rua

Aptos, algazarra, gritaria. Um homem foi na rua atropelado. E, sem sentidos, todo ensanguentado Seu corpo sem um braço ali se via!

Ao posto d'um doutor, que perto havia, Inerte e sem vigor foi transportado. E d'um lenho na cara já pensado Longo tempo depois a si voltia.

Melhorando, ao sair foi encontrar Na rua, cabisbaixa, muita gente Seu braço decepado a procurar.

—Procurem, lhes diz ele, ao ser cliente, Pois que darei um doce a quem achar. Ha que anos sou maneta, infelztzmente!

Aierroc.

## Piada de crítico

Os senhores são testemunhas de que a crítica d'arte entre nós—com exceção dos juizes cá de casa—é d'uma benevolência que chega a prejudicar os proprios criticados. Resultado: quando aparecem em criticas d'aquelas algumas verdades, logo o visado se indigna e classifica o critico como o ultimo dos parvos.

Vem isto a proposito d'uma piada do nosso querido amigo *Zé Jaleco*, que ha dias n'uma das suas resenhas tauromaquicas deu uma sova em certo cavaleiro que, na verdade, trabalhou como qualquer amator, dos maus.

Encontraram-se, critico e criticado, e este observou ao *Zé Jaleco*:

—O senhor fala muito, mas aposto que não se atreve a picar um toiro.

—Estou de acordo.

—N'esse caso, não pode fazer critica d'uma coisa que não é capaz de fazer.

—Perdão, respondeu o *Zé Jaleco*, prontamente: sei muito bem, por exemplo, quando um ovo é pôdre e não sou capaz de pôr ovos!

## Questão de pesca

E' sabido que aos nossos vizinhos hespanhoes não falta coisa alguma. Ouvi-los é ter a sensação palpavel da abundancia, do excesso, da fartura, seja em que fôr: eles são os povos mais ricos, mais sabios, mais valentes, etc., do globo terrestre e seus arredores planetarios.

Comtudo, ás vezes, dá-lhes para cubicar as coisas alheias—sem nos termos referir ás ourivesarias com porta para a escada, porque tais cubicosos estão fóra do direito das gentes. Refe-



rirmo-nos, sim, aos pescadores, que mais uma vez teimam em vir pescar dentro das nessas aguas territoriais.

Não se julgue, porém, que n'este ponto confessem fraqueza e inferioridade. Explicava-nos ha pouco um d'aquelles *nuestros hermanos*, que basta o Manzanares para dar peixe para toda a Hespanha. O caso é outro.

—Queremos pescar en la mar de Portugal, porque *nuestros peces* son tan gruesos que no hay fuerza capaz de arrastrar-los!

Palavras do homem, salvas as incorrecções, porque imaginava que se estava expressando em portuguez corrente.

## Correspondencia

*Aierroc*—Tem a sua graça, mas o cidadão a quem se dirige é pessoa que usa de muita hygiene. Para o fazer *dar sorte* chama-se-lhe porco, mas é uma injustiça que não ajudaremos a praticar, sempre que o apôdo significar convicção.

## EM FOCO



## Mario Salgueiro

Ser poeta, ao que julga muita gente,  
E' alinhar palavras em largura,  
E' rimar mais ou menos á ventura,  
Acudindo-lhe a rima, de repente.

Doce engano de espirito demente,  
De branda estupidez, ingenua e pura!  
Ser poeta é ter alma com fartura,  
Dar vida ao nada, exuberante e ardente,

Assim, é bem poeta o nosso Mario,  
Não lhe falta o mais leve requisito  
Desde o talento rico, milionario,

A'quele que na terra em que eu habito  
Se julga mais que todos necessario;  
Até á pelintrice. Tenho dito.

BELMIRO.

## Mais dança

O infeliz dançarino, depois da declaração de guerra da Republica Argentina:

--Depois do chifarote, da tarantela,



da valsa dos *apaches* e do fado, só me faltava obrigarem-me a dançar o tango! Estou aqui estou a dar parte de fraco...

## Gatunos felizes

Traduzimos de um jornal aliado a seguinte anedota, que tem quasi tanta graça como se fosse nossa.

A cena passa-se no campo, em pleno verão. O sr. Tranquilo é, como o nome indica, pessoa de socego, odiando tudo quanto seja barulho.

Como, porém, o acaso é ás vezes brutal, a esposa do sr. Tranquilo toca piano desde manhã até á noite, a filha do sr. Tranquilo toca violino freneticamente, o filho anda a estudar cornetim, tem um cão no quintal que não faz senão ladrar e á janela um papagaio que está constantemente parlando.

Ora um belo dia a esposa do sr. Tranquilo foi, com os filhos, fazer uma visita á mãe, com tenção de se demorar dois dias, e o sr. Tranquilo ficou sózinho em casa.

Deitou-se e pela noite velha acordou em sobresalto, porque ouvia um ruido inquietador no rez-do-chão. Não podia haver duvida: tinha em casa um bando de ladrões.

O sr. Tranquilo é pacifista, mas não deixa de ter coragem quando é preciso.

Abriu a gavetinha da mesa de cabeceira, tirou o revolver, saltou da cama, desceu a escada pé ante pé, entrou na sala onde estavam os ladrões—eram dois—e apontou o revolver, com intimativa.

—Já! ponham já aí o que roubaram! exclamou com tal veemencia, que os bandidos, pasmados, obeceram sem repontar.

Mais socegado, o sr. Tranquilo poz-se a inventariar com os olhos os embrulhos preparados pelos malfeitores.

—Que embrulhos são esses?—perguntou:

—Este é o cão; puzemos-lhe uma mordada.

—E aquele?

—E' o papagaio.

—E aquele?

—E' um cornetim.

—E aquele?

—E' uma rabeça.

—Não levam mais nada?

—Mais nada.

—O sr. Tranquilo refletiu durante dois segundos e de subito ocorreu-lhe uma idéa. Dirigiu-se á secretaria.

—Tomem, disse ele, dando uma nota de vinte mil réis a um dos meliantes, tomem, mas com a condição de levarem tambem o piano...

## Consulta medica

Um sujeito porcalhão

Foi queixar-se de coceira

A certo cirurgião,

E a consulta a tal freguez

Passou-se d'esta maneira:

—Vá p'r'ás aguas por um mez.

—Mas que termas me convém

Usar n'esta occasião?

—Qualquer agua lhe faz bem

Se tiver muito sabão.

Aierroc.

# A Derrota dos alemães

